

Créditos japoneses dependem do ajuste

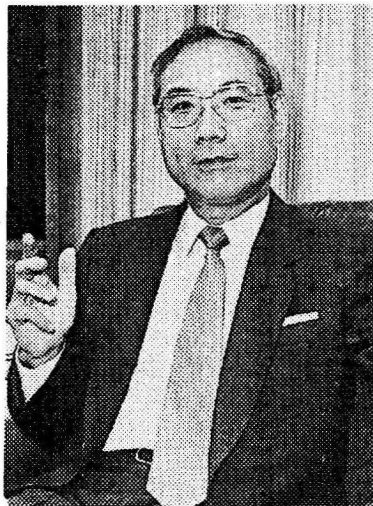
15 JUL 1992

ALCIDES FERREIRA
e DARCI HIGOBASSI

O ex-presidente do Conselho de Administração do Banco de Tokyo no Brasil, Toshiro Kobayashi afirmou ontem que o País precisa planejar o day after do acordo da dívida externa após sua aprovação pelo Senado e ratificação pelos bancos. "O fim da renegociação não significa que os problemas do País acabaram", disse. Na sua opinião, o Brasil deve se preparar para uma nova relação com a comunidade financeira internacional e pensar em como orientar os recursos externos para financiar seu desenvolvimento econômico.

Segundo ele, os bancos credores japoneses vão optar pelo bônus de desconto (discount bond), que oferece juros de mercado e desconto de 35% sobre o valor de face da dívida. A maioria dos bancos, afirma, já trata como prejuízo mais de 50% da dívida com o Brasil, para a qual tem provisões em seus balanços.

O governo japonês, por exemplo, exige provisões de, no mínimo, 65% (nos EUA, as reservas mínimas são de 50%). Dessa forma, a troca significará uma melhora na carteira do banco, já que os novos papéis (bônus) têm



Toshiro Kobayashi

Brasil precisa planejar o dia seguinte da dívida

garantias em títulos dos EUA.

Dinheiro novo demora — "O Brasil não terá mais recursos do Exterior para grandes obras de infra-estrutura, como Itaipu", diz Kobayashi. "Os credores tiveram perdas e agora o País tem que pensar em outras formas de investir para enfrentar esse grande tema". Para ele, o Brasil

deverá obter financiamento interno para obras nas áreas de energia, transporte e comunicação. Ontem, Kobayashi deixou a presidência do Conselho de Administração do Banco de Tokyo. Na segunda-feira, embarca de volta ao Japão, após 18 anos de Brasil.

Credibilidade — O presidente do Conselho Consultivo do Banco de Tokyo, Takanori Suzuki, disse ontem que o encaminhamento do acordo da dívida externa devolve ao Brasil a credibilidade e simboliza a possibilidade de o País retornar à comunidade financeira internacional.

O resultado disso é que, além dos recursos oficiais que já estão praticamente definidos, referentes a financiamentos do Eximbank e do Fundo Nakasone, o Japão poderá voltar a investir no Brasil por intermédio das 350 subsidiárias de empresas japonesas aqui instaladas. Segundo ele, o Japão será o próximo País na lista de renegociação de acordos bilaterais.

Suzuki, que era o presidente-executivo do banco, está no lugar de Kobayashi há duas semanas. Para sua vaga entrou Koichi Tanaka, que era o gerente-geral da agência de Shibuya, na área metropolitana de Tóquio.